

INCIDÊNCIA DE ACIDENTES COM MATERIAL PERFUROCORTANTE ENTRE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Adriana Cristina Oliveira*
Jacqueline de Almeida Gonçalves**

RESUMO

A partir de sua inserção em campos do estágio o aluno da graduação é frequentemente exposto aos mesmos riscos que a equipe assistencial. Realizou-se uma pesquisa descritiva e de abordagem quantitativa entre alunos de graduação dos cursos de medicina e enfermagem de uma universidade privada, objetivando-se determinar a incidência de acidentes com material perfurocortante, a taxa de seguimento e os conhecimentos em relação às práticas seguras. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário semiestruturado (aspectos demográficos, conhecimento e atitude dos alunos para a adoção de medidas de biossegurança, acidentes envolvendo materiais perfurocortantes, esquema de vacinação e condutas tomadas após a ocorrência do acidente). A incidência dos acidentes entre alunos de enfermagem foi de 3,4% e entre os de medicina, 23,8%. O reencape de agulhas foi citado como possível de ocorrer *sempre*, e, às vezes, para 63,8% dos alunos de medicina e 32,5% dos de enfermagem. O nível de conhecimento das medidas de biossegurança mostrou-se pouco satisfatório. Sugere-se a abordagem desse conteúdo com vista a aprimorar condutas e crenças, vislumbrando-se, para o futuro, profissionais conscientes, reflexivos e seguros de sua prática, de modo a garantir a ênfase na redução de riscos para o profissional e para o paciente.

Palavras-chave: Acidentes de Trabalho. Estudantes de Enfermagem. Estudantes de Medicina. Exposição a Agentes Biológicos. Saúde do Trabalhador.

INTRODUÇÃO

A atuação na área de saúde expõe os trabalhadores a potenciais riscos de envolvimento em acidentes de trabalho. O acidente de trabalho é definido pela Lei n.º 6.367 como “aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause morte, ou perda, ou redução, permanente ou temporária da capacidade de trabalho”. Os acidentes de trabalho podem ser divididos em três categorias: acidentes físicos, químicos e biológicos⁽¹⁾.

A exposição dos profissionais de saúde pode ocorrer em todas as categorias supracitadas, porém destaca-se o risco biológico como aquele originado do contato com os fluidos corporais e sangue, frequentemente presentes durante a assistência direta ao paciente⁽²⁻³⁾.

É sabido que os acidentes com material biológico contaminado transmitem vários microrganismos, os quais podem desencadear doenças ocupacionais como a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) e as

hepatites, entre outras. Tal possibilidade vem preocupando as autoridades e despertando cada vez mais pesquisadores para novos estudos no sentido de estabelecer diagnósticos, propostas e estratégias que contemplem a prevenção e o controle de tais eventos⁽⁴⁾.

Nesse contexto, a biossegurança surge como importante tema nas instituições de saúde, sendo recomendada a adoção de medidas para proteção dos funcionários, pacientes e visitantes⁽⁵⁻⁶⁾.

Nos Estados Unidos, o Centro de Controle de Doenças (CDC) propôs o *Guideline* de Precauções de Isolamento, em 1996, o qual foi revisto em 2007, reafirmando as normas de prevenção para redução dos riscos aos profissionais e pacientes diante da exposição a fluidos corporais potencialmente contaminados, as denominadas precauções-padrão. Por definição, as precauções-padrão constituem um conjunto de medidas a serem adotadas por todos os profissionais de saúde independentemente do diagnóstico do paciente atendido. Para tanto, a higienização das mãos, o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), vacinação contra hepatite B e o manuseio e descarte adequado de

*Enfermeira. Doutora. Professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: acoliveira@ufmg.br

**Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação da Escola de Enfermagem da UFMG. E-mail: jac.mg@bol.com.br

perfurocortantes são medidas incluídas nessa recomendação⁽⁶⁻⁷⁾.

Não obstante, apesar de tais recomendações, estudos mostram as dificuldades dos profissionais de saúde em aderir às medidas de biossegurança e evidenciam que esses demonstram baixo conhecimento e treinamento inadequado, o que potencializa a ocorrência dos acidentes de trabalho⁽⁸⁻⁹⁾.

No que tange à preparação dos profissionais para a atuação em saúde, essa temática é abordada durante a formação acadêmica através de fundamentação teórica e prática do profissional em estágio curricular. Nessa época da formação, pretende-se despertar no aluno graduando a aquisição de habilidades teóricas e práticas que o preparem para o assistir (“cuidar”) em saúde, independentemente de sua escolha profissional (medicina ou enfermagem).

Assim, durante a construção desse conhecimento, deve-se considerar que o aluno da graduação em ciências da saúde, como todo profissional em treinamento, a partir de sua inserção em campos de estágio está exposto aos mesmos riscos que a equipe assistencial multiprofissional de saúde.

A partir dessa premissa, existe uma grande preocupação com o graduando de ciências da saúde, evidenciada pela maior suscetibilidade ao acidente de trabalho com material biológico devido à sua condição de aprendizagem, limitada destreza, insegurança e necessidade de reflexão nesse período de desenvolvimento de habilidades, fatos que motivaram a realização deste estudo. Além disso, este estudo pretende ressaltar o tema biossegurança no ensino, pesquisa e assistência, enfatizando o profissional da área de saúde. Para tanto foram traçados os seguintes objetivos: determinar a incidência de acidentes com material perfurocortante; definir condutas imediatas pós-acidente; e disseminar os conhecimentos relativos às práticas seguras entre alunos de graduação dos cursos de medicina e enfermagem de uma universidade privada, durante o período de estágio curricular.

MATERIAL E MÉTODO

O trabalho consistiu em uma pesquisa de campo descritiva e de abordagem quantitativa. O estudo foi desenvolvido em uma instituição

privada de ensino superior do Interior de Minas Gerais no primeiro semestre de 2007, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o protocolo n.º 133/06, em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

A população do estudo foi constituída de todos os alunos dos cursos de graduação em ciências da saúde, especificamente dos cursos de medicina (8º e 9º períodos) e enfermagem (6º, 7º, 8º e 9º períodos). A escolha de definir como elegíveis alunos de tais períodos se deve a que, a partir dessa fase, eles estão inseridos nos campos de ensino clínico em estágio curricular, com atuação direta junto aos pacientes, o que representa potencial risco para os acidentes, principalmente envolvendo materiais perfurocortantes.

A coleta de dados ocorreu mediante agendamento prévio durante aula teórica, garantindo a abordagem do maior número de alunos, e foi conduzida por um dos autores deste trabalho. O questionário foi respondido pelos graduandos após a autorização explícita no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foi utilizado um questionário semiestruturado, com três questões relacionadas aos aspectos demográficos (curso e período matriculado, sexo, idade) e quatorze questões fechadas voltadas para conhecimento e atitude dos alunos (adoção de medidas de biossegurança por meio do uso dos EPI's, ocorrência de acidentes envolvendo materiais perfurocortantes, esquema de vacinação e condutas tomadas após a ocorrência do acidente).

Após a coleta dos dados, estes foram codificados e digitados por meio da planilha do Microsoft Excel 2000 e analisados no banco de dados do *Statistical Products and Service Solutions (SPSS) for Windows*, (versão 11.5: SPSS, Inc. Chicago, III).

Na análise dos dados foram utilizadas as técnicas de estatística descritiva para caracterização da amostra em estudo.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 169 alunos. Em relação ao curso, 89 (52,7%) eram alunos do

curso de enfermagem e 80 (47,3%) do curso de medicina. Os dados relativos ao sexo e período do curso estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos alunos do curso de enfermagem e medicina, segundo período do curso e sexo. Belo Horizonte, 2007.

Curso e período	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino		N	%
	N	%	N	%		
Enfermagem						
6º período	40	45,0	14	15,7	54	60,8
7º período	10	12,2	1	1,1	11	12,4
8º período	21	23,6	3	3,4	24	26,8
Subtotal	71	80,8	18	20,2	89	100,0
Medicina						
8º período	10	12,5	15	18,8	25	31,2
9º período	26	32,5	29	36,2	55	68,8
Subtotal	36	45,0	44	55,0	80	100,0

A Tabela 1 evidencia uma maioria de estudantes do sexo feminino no curso de enfermagem (79,8%). Como desde a antiguidade a enfermagem foi predominantemente constituída por mulheres, esse achado não surpreende, confirmando que não ocorreram grandes mudanças no exercício dessa profissão em relação ao gênero⁽¹⁰⁾.

Para o curso de medicina houve um predomínio do sexo masculino (55%); entretanto cumpre considerar a progressiva inserção do sexo feminino na atividade médica, com maior intensidade nos dias atuais, fato corroborado por outros estudos^(8,11).

A idade média observada entre os alunos do curso de enfermagem foi de 26,1 anos, diferentemente dos alunos do curso de medicina nos períodos do curso avaliados, cuja idade média foi de 24,3.

A respeito do conhecimento dos alunos sobre práticas seguras de controle de infecções e biossegurança, 91,2% e 98,9% dos graduandos de medicina e enfermagem, respectivamente, registraram ter recebido informações sobre esse tema durante a graduação (Tabela 2).

Para o curso de enfermagem, constatou-se o oferecimento da disciplina *Biossegurança*, relatada por 97,8% dos discentes e conceituada por 88,7% destes como “ótima” e “boa”.

Por outro lado, verificou-se que nos currículos dos cursos de graduação em medicina dos graduandos participantes desta pesquisa não houve nenhuma disciplina específica que

abordasse o tema biossegurança e controle de infecções, mas sim, a abordagem do tema de forma fragmentada em diversos momentos do curso. Assim constatou-se que para apenas 53,7% desses alunos o contato com o referido conteúdo foi classificado como “ótimo” e “bom”.

Tabela 2. Informação e conceito adquiridos sobre controle de infecções e biossegurança entre os graduandos de medicina e enfermagem. Belo Horizonte, 2007.

Informados sobre controle de infecções e biossegurança	Curso			
	Enfermagem		Medicina	
	N	%	N	%
Sim	88	98,9	73	91,2
Não	1	1,1	6	7,5
Não respondeu	-	-	1	1,3
Subtotal	89	100,0	80	100,0
Conceito das informações recebidas				
Ótimo	19	21,3	9	11,2
Bom	60	67,4	34	42,5
Regular	7	7,9	27	33,8
Não responderam	3	3,4	10	12,5
Subtotal	89	100,0	80	100,0

Esses dados se refletiram em suas respostas, sendo verificado que as medidas de biossegurança no cotidiano dos alunos de ambos os cursos, pela adoção das precauções-padrão mostraram-se pouco satisfatórias. Principalmente em se considerando a proximidade da finalização do curso e da inserção desses graduandos no mercado de trabalho, tal fato reforça a preocupação quanto ao conhecimento destas práticas e a necessidade de maior investimento nesses futuros profissionais, que em breve estarão trabalhando no campo da saúde.

No que se refere à utilização dos equipamentos de proteção individual, constatou-se que os alunos do curso de enfermagem utilizaram, com frequência superior a 90%, somente a máscara e a luva, e/ou usaram de forma inadequada o gorro, os óculos e o avental.

Para os alunos do curso de medicina houve resposta satisfatória quanto ao uso de luvas (100,0%), avental (95,0%) e máscara (90,0%); porém o gorro e os óculos não apresentaram respostas com a mesma frequência. Isso se contrapõe aos resultados de um estudo⁽⁹⁾ realizado com 694 estudantes do curso de medicina, o qual registrou um decréscimo

percentual de utilização de luvas (89,7%), avental (64,8%), máscara (49,3%) e óculos (33%). Este resultado leva à inferência de que a maior adesão aos EPIs depende da forma e do receio de transmissão de doenças, relacionando-se também com a frequência do contato ou a um contato considerado de maior impacto entre pacientes e profissionais.

Isso significa que, para esses profissionais, a possibilidade de transmissão de uma doença pelo toque sem o uso de luvas se caracteriza de forma muito mais evidente do que por roupas (sem avental), pela via aérea (sem máscara) ou até mesmo pela mucosa ocular (sem óculos), o que pode justificar a reduzida adesão aos equipamentos de proteção individual.

Outro agravante avaliado foi a forma de manuseio e descarte de materiais perfurocortantes, o que representa o principal fator de ocorrência de acidentes envolvendo sangue e fluidos corporais, devido a práticas como reencape, manuseio e descarte inadequados de agulhas⁽¹²⁾.

Pela Tabela 3 verifica-se que o conhecimento de alunos de ambos os cursos sobre o descarte adequado, caracterizado como aquele em que o objeto perfurocortante é desprezado em recipiente de paredes rígidas, com proteção (tampa) e com preenchimento de até dois terços de sua capacidade, ocorreu em torno de 97,0% das respostas. Apesar de esse percentual ser elevado, levando-se em conta a importância, frequência e magnitude da questão do acidente de trabalho envolvendo os referidos objetos, é necessário atingir o descarte adequado em todas as vezes em que for usado⁽¹³⁾.

Tabela 3. Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem e medicina sobre o manuseio e descarte de material perfurocortante. Belo Horizonte, 2007.

Procedimento	Curso			
	Enfermagem		Medicina	
	N	%	N	%
Descarte adequado	87	97,8	77	96,3
Não responderam	2	2,2	3	3,7
Sub-total	89	100,0	80	100,0
Reencape de agulhas sempre				
às vezes	12	13,5	21	26,3
não reencapa	17	19	30	37,5
	60	67,5	29	36,2
Subtotal	89	100,0	80	100,0

Os dados reforçam uma vez mais a relevância de nas campanhas educativas se terem como alvo os alunos de graduação, por se encontrarem em fase de formação e consolidação de suas práticas. É sobretudo importante não enfatizar durante o ensino clínico apenas o treinamento em serviço voltado à aquisição de habilidades e destreza, mas também a adoção de práticas seguras de manuseio e descarte dos materiais⁽¹⁴⁾.

Neste sentido, a maior preocupação incide no reencape de agulhas, prática há muito condenada mas ainda encontrada como uma causa associada à ocorrência dos acidentes de trabalho. No presente estudo, esta prática foi referendada como possível de ocorrer *sempre* e *às vezes* para 63,8% dos alunos do curso de medicina e 32,5% dos alunos do curso de enfermagem, o que demonstra que o reencape de agulhas ainda se apresenta de forma expressiva nas atividades práticas de saúde⁽¹³⁾.

Tabela 4. Incidência de acidentes com material biológico em alunos de enfermagem e medicina. Belo Horizonte, 2007.

Tipo de acidente	Curso			
	Enfermagem		Medicina	
	N	%	N	%
Perfurocortante	2	2,3	13	16,2
Mucosa	-	-	6	7,5
Não identificou o tipo	1	1,1	1	1,3
Total	3	3,4	20	25,0

A incidência de acidentes com material biológico foi de 3,4% para os alunos do curso de enfermagem e de 25% para os do curso de medicina (Tabela 4). Verificou-se também que, em sua maioria (58%), os acidentes haviam ocorrido entre seis meses e um ano antes da pesquisa e 26% deles, havia menos de três meses, o que aponta a ocorrência recente dos acidentes.

Os alunos do curso de enfermagem relataram que os acidentes com material perfurocortante ocorreram durante o estágio curricular do 8º período da graduação (Tabela 5).

Em relação ao período do curso dos alunos constatou-se que os acidentes ocorreram com maior frequência em alunos do 9º período do curso de medicina, o que se acredita ter ocorrido em virtude de sua maior exposição às práticas assistenciais nos campos de estágio clínico em relação aos alunos do 8º período.

Quanto ao tipo de acidente (Tabela 5), os que envolveram material perfurocortante foram predominantes em alunos do curso de medicina (68,4%), corroborando os resultados apresentados por um estudo⁽⁸⁾ realizado também com alunos do referido curso. Em seus resultados, o autor desse estudo evidenciou um maior percentual de acidentes com material perfurocortante (44%), seguindo-se os decorrentes de contatos com mucosa (27,9%). Outro destaque desse estudo foi a maior ocorrência de acidentes envolvendo os estudantes em comparação com os trabalhadores da saúde de um hospital escola na mesma ocasião.

Tabela 5. Distribuição dos acidentes com material biológico entre os alunos de medicina de acordo com o período e tipo do acidente. Belo Horizonte, 2007.

Período	Tipo do acidente			
	Perfurocortante		Mucosa	
	N	%	N	%
Medicina				
8º Período	3	15,8	1	5,3
9º Período	10	52,6	5	26,3
Subtotal	13	68,4	6	31,6
Enfermagem*				
8º Período	2	100,0	-	-
Subtotal	2	100,0	-	-

*Um graduando do 8º período que sofreu acidente com material biológico não identificou o tipo do acidente.

Outro estudo⁽²⁾ também registrou um maior número de acidentes entre alunos do curso de medicina. A autora verificou que 23,9% dos acidentes ocorreram com esses graduandos possivelmente pelo fato de eles assumirem procedimentos de coleta de sangue dos pacientes em situações de urgência, associado à sua falta de treinamento e à consequente inabilidade técnica para esses procedimentos.

Ao observar a adesão ao uso de EPIs no momento do acidente, os graduandos de ambos os cursos relataram que as luvas foram utilizadas em 100% das vezes, porém a máscara foi citada para os acidentes envolvendo a mucosa em apenas 66% das situações, e nenhum aluno mencionou a utilização de óculos para essa mesma ocorrência.

Estudo sobre adesão aos EPIs no momento do acidente, entre profissionais, aponta índices preocupantemente baixos: em torno de 20,8% das situações⁽¹⁵⁾. Tais circunstâncias reforçam

nosso enfoque no aluno ainda durante a graduação, visando aprimorar condutas, crenças e conteúdos no que se refere à ocorrência dos acidentes de trabalho, vislumbrando, para o futuro, profissionais mais conscientes, reflexivos e seguros de sua prática, garantindo a redução de riscos para si e para o paciente através da prevenção desses acidentes.

Em relação à conduta imediata adotada pelos alunos após a constatação do acidente registrou-se que, em sua maioria (89%), os acidentados lavaram com água e sabão a parte afetada, 47,4% o fizeram com água e antisséptico, 26,3% apenas com água e 15,8% espremeram o local lesionado; e o atendimento médico ocorreu em apenas 34,8% dos acidentados. Isso significa que a maioria dos acidentados (65,2%), por desconhecimento ou negligência, ignorou o acompanhamento médico e a realização imediata de exames laboratoriais, incluindo-se o paciente-fonte. Além disso, reforça um aspecto extremamente preocupante, que é a subnotificação do acidente de trabalho, reafirmando ainda outros aspectos negativos dessa falha no que se refere ao enfoque pessoal e legal do acidente, a qual só tem repercussões em momentos futuros, provável motivo de no momento da ocorrência do acidente a notificação ser fortemente ignorada, como se verifica não só no presente estudo, mas também nos de diversos autores, variando de 49 a 91,9% das situações^(9,16-18).

Além do atendimento adequado após o acidente, o conhecimento sobre o potencial risco de contaminação para HIV, hepatite B e hepatite C deve estar claro e a indicação de profilaxia deve ocorrer de forma imediata, preferencialmente nas primeiras 72 horas, de acordo com avaliação médica da dose infectante, como recomenda o Ministério da Saúde⁽¹⁹⁾.

Para a prevenção da hepatite B, a taxa de alunos vacinados foi superior a 93% e o esquema completo foi referido em mais de 76% dos graduandos, com verificação de imunidade por meio do exame de Anti-Hbs em mais de 29% dos entrevistados.

Em relação ao conhecimento das doenças que podem ser adquiridas após a ocorrência do acidente envolvendo material biológico, 73,1% dos alunos de medicina e apenas 29,2% dos alunos de enfermagem mostraram ter

informações corretas. Esses percentuais são preocupantes e de fato ratificam a necessidade de revisão e maior investimento na fundamentação teórica desses graduandos.

A *aids* constitui a principal inquietação dos profissionais de saúde, mas frequentemente estes menosprezam, na prática, o risco de se contaminarem com o vírus das hepatites B e C, demonstrando que o risco de contaminação não está sendo devidamente abordado e compreendido. No tocante aos graduandos, por estarem em momento de formação, a hepatite B representa o maior risco de infecção, devido à sua alta infectiosidade, apesar de seu controle ocorrer primordialmente com a vacinação^(4,20). Lembra-se ainda que a hepatite C, apesar de possuir menor infectividade que a B, ainda não possui prevenção por meio da vacinação, nem mesmo imunoprofilaxia pós-exposição, o que aumenta muito o risco para os profissionais.

CONCLUSÃO

No presente estudo, a incidência dos acidentes entre os alunos do curso de enfermagem foi de 3,4% e entre os do curso de medicina foi de 23,8%, dos quais 68,7% envolveram material perfurocortante.

A procura do profissional acidentado pelo serviço especializado para o atendimento ocorreu de forma insatisfatória, em apenas 34,8%. Tal fato é interpretado como desconhecimento ou negligência dos acidentados, demonstrando um despreparo desses alunos diante dos aspectos legais do acidente de trabalho. Outro dado encontrado no presente estudo que reafirma esta informação é a alta taxa de subnotificação, relatada por 65,2% dos entrevistados.

Quanto ao uso de EPIs, verificou-se que sua maior adoção dependeu da forma e receio de

transmissão de doenças pelo mais frequente contato ou pelo contato considerado de maior impacto entre pacientes e profissionais, fato que denota claramente um descompasso entre conhecimentos adquiridos na graduação e a prática das precauções-padrão como medida básica para a segurança profissional e é reafirmado pelo decréscimo do uso de EPIs e sua relação no momento do acidente de trabalho.

Outro fator que é preocupante e necessita de intervenções imediatas foi o baixo conhecimento dos alunos quanto às doenças que podem ser adquiridas após a ocorrência do acidente envolvendo material biológico. Além disso, o reencape de agulhas, prática há muito condenada, foi referendada como possível de ocorrer *sempre* ou *às vezes* para 63,8% dos alunos do curso de medicina e para 32,5% dos alunos do curso de enfermagem.

Os resultados do presente estudo mostraram ser pouco satisfatório o conhecimento das medidas de biossegurança no cotidiano dos alunos de ambos os cursos, pela baixa adoção das precauções-padrão. Ademais, considerando-se sua aproximação com a finalização do curso e a iminência de começarem a atuar no mercado de trabalho, esse fato uma vez mais reforça a importância de se preocupar com o conhecimento das práticas entre os graduandos e a necessidade de maior investimento nesses indivíduos, que em breve serão profissionais de saúde. Sugere-se ainda a reflexão sobre a necessidade de inserir na grade curricular um momento específico para a abordagem das práticas seguras de controle de infecção e biossegurança, porquanto ficou claro que o conhecimento sobre esse temas referido neste estudo foi adquirido de forma fragmentada, não alcançando os objetivos de uma formação sólida, capaz de minimizar os riscos de acidentes durante a assistência.

INCIDENCES OF EXPOSURE TO SHARP-EDGED MATERIAL AMONG UNDERGRADUATE HEALTH SCIENCES STUDENTS

ABSTRACT

The undergraduate student is frequently exposed to the same risks of the assistant team, since their insertion in apprenticeship programs. It was a descriptive study with quantitative approach considering medicine and nursing undergraduate students, in two private universities. The objectives were to identify the incidence of accidents with sharp-edged material, the follow-up rate and the knowledge related to safe practices. Data were collected by semi-structured questionnaire (demographic aspects, students' knowledge and attitude for the adoption of biosafety measures, accidents with sharp-edged material, vaccination status and conducts adopted as a result of an accident). The incidence of the accidents was 3.4% among nursing students and 23.8% amid medicine. The

recapping of the needles was mentioned to happen *always* and *sometimes* by 63.8% of medicine students and 32.5% by nursing. The knowledge on biosafety measures seemed unsatisfactory. It is suggested a better approach of this topic to have ideal conducts and believes, looking for future professionals being conscious and reflexive, confident on their practices, and assuring an emphasis on risk reduction for them and their patients.

Key words: Accidents, Occupational. Students, Nursing. Students, Medical. Exposure to Biological Agents. Occupational Health.

INCIDENCIA DE ACCIDENTES CON MATERIAL PUNZANTE O CORTANTE ENTRE LOS ALUMNOS DE GRADUACIÓN EN CIENCIAS DE LA SALUD

RESUMEN

El estudiante de graduación es a menudo expuesto a los mismos riesgos que el equipo asistencial, a partir de su inserción en programas de prácticas pre-profesionales. Se trató de una investigación descriptiva, con abordaje cuantitativo, entre alumnos de graduación de los cursos de medicina y enfermería en una universidad privada. El objetivo fue: determinar la incidencia de accidentes con material punzante o cortante, la tasa de seguimiento y los conocimientos sobre prácticas seguras. Para la recogida de los datos se utilizó un cuestionario semiestructurado (aspectos demográficos, conocimiento y actitud de los alumnos sobre adopción de medidas de bioseguridad, accidentes con material punzante o cortante, esquema de vacunación y conductas tomadas después del accidente). La incidencia de los accidentes entre los alumnos de enfermería fue un 3,4% y 23,8% para medicina. El re-encape de agujas fue mencionado como posible de ocurrir *siempre* y, *a veces*, por 63,8% de los alumnos de medicina y 32,5% de los de enfermería. El nivel de conocimiento sobre medidas de bioseguridad fue poco satisfactorio. Se sugiere enfatizar este contenido buscando mejorar conductas y creencias, vislumbrando futuros profesionales, conscientes, reflexivos y seguros de su práctica, y garantizar el énfasis en reducción de riesgos para sí y para el paciente.

Palabras-clave: Accidentes de Trabajo. Estudiantes de Enfermería. Estudiantes de Medicina. Exposición a Agentes Biológicos. Salud Laboral.

REFERÊNCIAS

1. Carvalho GM. *Enfermagem do Trabalho*. São Paulo: EPU; 2001.
2. Shimizu HE; Ribeiro EJG. Ocorrência de acidente de trabalho por materiais perfurocortantes e fluidos biológicos em estudantes e trabalhadores da saúde de um hospital escola de Brasília. *Rev Esc Enf USP*. 2002;36(4):367-75.
3. Gir E; Costa FPP; Silva AM. A enfermagem frente a acidentes de trabalho com material potencialmente contaminado na era do HIV. *Rev Esc Enf USP*. 1998;32(3):262-72.
4. Azap A; Ergnül O; Memikoglu KO; Yesilkaya A; Altunsoy A. Occupational exposure to blood and body fluids among health care workers in Ankara, Turkey. *AJIC*. 2005;33(1):48-51.
5. Chagas IJ; Herdy AC; Araújo WC; Chagas MS; Orives JLB. Biossegurança: análise e melhoria de processo em acidentes biológicos. *JBC J Bras Clin Odontol Integr*. 2004;8(44):140-3.
6. Center for Disease Control and Prevention. Guideline for isolation precautions in hospitals. Garner JS, Hospital Infection Control Practices Advisory Committee. Atlanta, Georgia. *Infect Control Hosp Epidemiol*. 1996; 17:53-80.
7. Siegel JD, Rhinehart E, Jackson M, Chiarello L, and the Healthcare Infection Control Practices Advisory Committee, 2007 Guideline for Isolation Precautions: Preventing Transmission of Infectious Agents in Healthcare Settings, June 2007. Disponível em: <http://www.cdc.gov/ncidod/dhqp/pdf/isolation2007.pdf>
8. Toledo Júnior ACC; Ribeiro FA; Ferreira FGF; Ferraz RM; Greco DB. Conhecimento, atitudes e comportamento frente ao risco ocupacional de exposição ao HIV entre estudantes de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. *Rev Soc Bras Méd Trop*. 1999;32(5):509-15.
9. Reis JMB; Lamounier Filho A; Rampinelli CA; Soares ECS; Prado RS; Pedrosa ERP. Training-related accidents during teacher-student-assistance activities of medical students. *Rev Soc Bras Med Trop*. 2004;37(5):405-8.
10. Malvieira EAP; Griep RH; Cardoso CF. Explorando conhecimentos, práticas e atitudes de alunos de graduação de uma universidade pública em relação à prevenção da disseminação da tuberculose. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2002;6(2):273-83.
11. Patterson JMM, Novak CB, Ellis RA. Needlestick injuries among medical students. *AJIC*. 2003;31(4):226-30.
12. Marziale MHP, Rodrigues CM. A produção científica acerca dos acidentes do trabalho com material perfurocortante entre trabalhadores de enfermagem. *Rev. Latino Am Enfermagem*. 2002;10(3):571-77.
13. Yang YH, Wu MT, Ho CK, Chuang HY, Chen L, Yang CY, et al. Needlestick/sharps injuries among vocational school nursing students in southern Taiwan. *AJIC*. 2004; 32(4):431-5.
14. Souza ACS, Silva CF, Tipple AFV, Santos SLV, Neves HCC. O uso de Equipamentos de Proteção Individual entre graduandos de cursos da área da saúde e a contribuição das Instituições Formadoras. *Ciênc Cuid Saúde*. 2008;7(1):27-36.
15. Bálamo AC, Felli VEA. Estudo sobre os acidentes de trabalho com exposição ao líquidos corporais humanos em trabalhadores da saúde de um hospital universitário. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2006;14(3):346-53.

16. Benatti MCC. Acidentes de trabalho entre trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário. *Rev Esc Enf USP*. 2001; 35(2):155-62.
17. Destra AS, Sassi SJG, Bacheга CIF, Coutinho AP, Medeiros EAS. Avaliação da subnotificação de acidentes profissionais com material biológico (MB) em um hospital universitário - Fase III. In: *Anais do VIII Congresso Brasileiro de Controle de Infecção e Epidemiologia Hospitalar*. 2002; Curitiba.
18. Napoleão AA, Robazzi MLCC. Acidentes de trabalho e subnotificação entre trabalhadores de enfermagem. *Rev Enfermagem UERJ*. 2003;11 (1):59-63.
19. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST/Aids. Recomendações para atendimento e acompanhamento de exposição ocupacional a material biológico: HIV e hepatites B e C. PN DST/Aids. Brasília; 2004.
20. Tura LFR, Madeira MC, Silva AO, Gaze R, Carvalho DM. Representações sociais de hepatites e profissionais de saúde: contribuições para um (re)pensar da formação. *Ciênc Cuid Saúde*. 2008; 7(2):207-15.

Endereço para correspondência: Jacqueline de Almeida Gonçalves. Praça Nossa Senhora do Carmo, 290, apto 101, Centro. CEP: 36400-000. Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais. E-mail: jac.mg@bol.com.br.

Data de recebimento: 13/01/2009

Data de aprovação: 11/09/2009